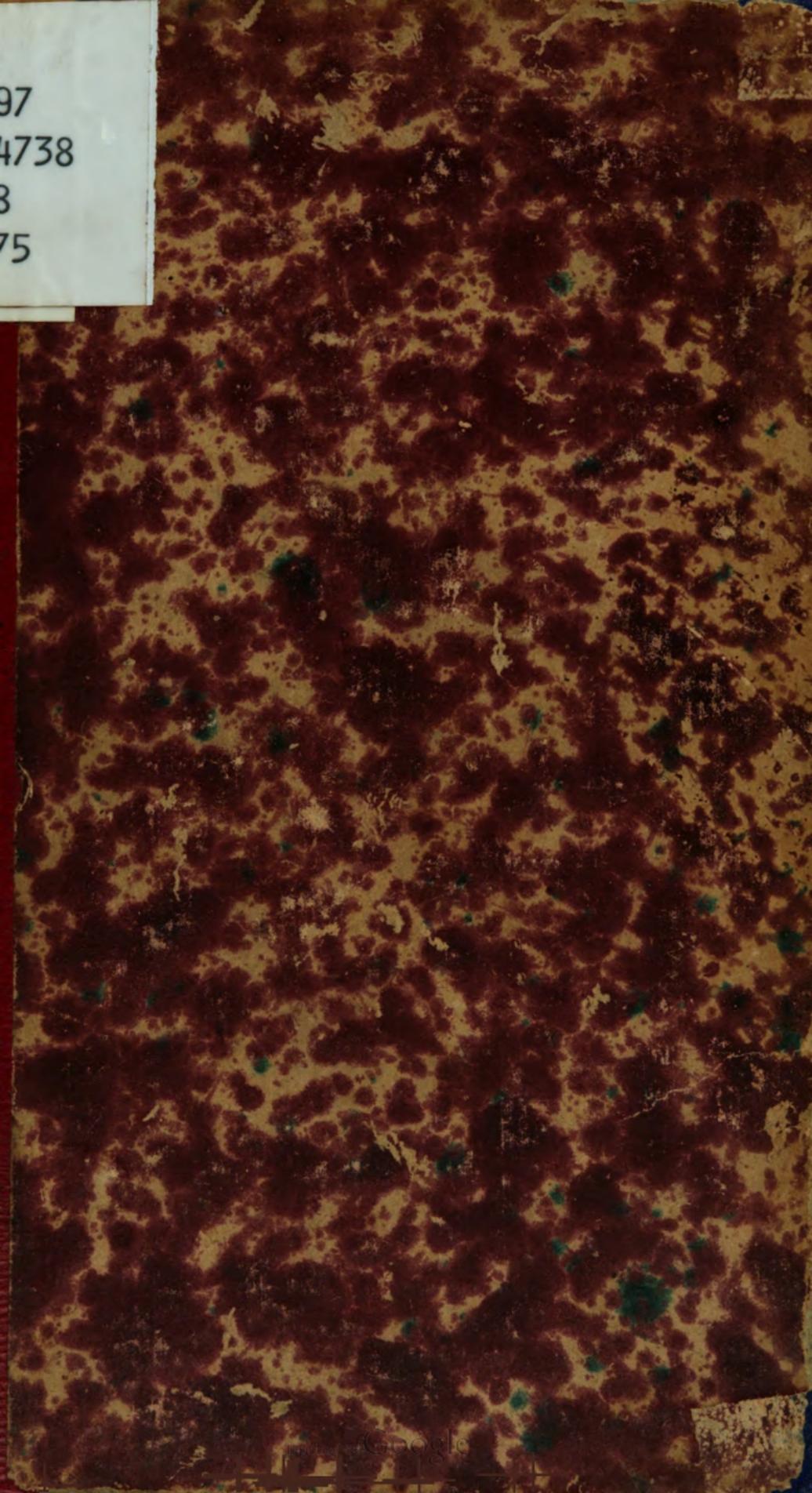


97
4738
3
75



20/x11/69
gwo

g w

R. B. ROSENTHAL
LIVROS

Linha 2 — Portugal

Digitized by Google

gaf-

Handwritten scribbles and marks in the top left corner.

H. Dulce Canoyia

ALVORADAS

LUCIO DE MENDONÇA

ALVORADAS

VERSOS

~~~~~  
BIBLIOTECA DO INSTITUTO HISTÓRICO  
LUCIO DE MENDONÇA  
ALVORADAS  
PQ  
9697  
.M14738  
A 78  
1875

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico

69 Rua do Ouvidor 69

—  
1875

WIC

De ce

João Ernesto S. Canongia

Typographia *Cosmopolita*, rua de Gonçalves Dias n. 19

10-1757  
9-2-88

**Ao amigo prezadissimo**

**DR. ANTONIO MARTINS DE MIRANDA**



Chante l'amour à voix basse,  
Et tout haut la liberté!

VICTOR HUGO.

Il faut que le poète, épris d'ombre et d'azur,  
Esprit doux et splendide, au rayonnement pur,  
Qui marche devant tous, éclairant ceux qui doutent,  
Chanteur mystérieux qu'en tressaillant écoutent  
Les femmes, les songeurs, les sages, les amants,  
Devienne formidable à de certains moments.  
Parfois lorsqu'on se met à rêver sur son livre,  
Où tout berce, éblouit, calme, caresse, enivre,  
Où l'âme, à chaque pas, trouve à faire son miel,  
Où les coins les plus noirs ont des lueurs du ciel ;  
Au milieu de cette humble et haute poésie,  
Dans cette paix sacrée où croît la fleur choisie,  
Où l'on entend couler les sources et les pleurs,  
Où les strophes, oiseaux peints de mille couleurs,  
Volent chantant l'amour, l'espérance et la joie ;  
Il faut que, par instants, on frissonne, et qu'on voie  
Tout à coup, sombre, grave et terrible au passant,  
Un vers fauve sortir de l'ombre en rugissant !  
Il faut que le poète, aux semences fécondes,  
Soit comme ces forêts vertes, fraîches, profondes,  
Pleines de chants, amour du vent et du rayon,  
Charmanes, où, soudain, l'on rencontre un lion.

VICTOR HUGO.

(*Les Contemplations*, liv. I, XXVIII.)



## ALVORADAS

Estas paginas de poesia, estas harmonias de minh'alma, murmúrios e lamentos do coração, brados e clamores da intelligencia, são as mais desambiciosas cousas que já viram a luz da publicidade.

Vão estes versos como nasceram : incultos como o que é espontaneo, incoherentes uns como o é quasi sempre o sentimento, inflexiveis outros como deve ser a idéa.

Que desarrasoada exigencia, e que desconhecimento do coração humano, é querer, n'um livro de versos, uniformidade de sentimento ! Isso póde exigir-se em nome da moral ; não se exige em nome da arte. Si eu quizesse escrever um livro menos sincero, podia apagar essas incoherencias, facilmente, com sacrificio apenas da verdade do sentimento, cousa que venero intima e profundamente.

Onde a critica tem o direito de censurar a contradicção, é nos principios : a parte politica e social deste livro não se arreceia da critica neste ponto.

O titulo escolhido para esta collecção de versos não é novo. Depois de já o haver adoptado, mesmo por guardar tal ou qual relação com o do meu primeiro livro, *Névoas Matutinas*, li a noticia de um volume de poesias com o mesmo titulo de *Alvoradas*; quiz, desde então, baptisar diversamente o meu livro; não m'o consentiram alguns amigos, a cujo delicado empenho tive de ceder. Estas cousas, tão pouco interessantes, digo-as sómente para me desculpar do apparente delicto de me haver appropriado de um pensamento alheio.

*Alvoradas* chamam-se estes versos que nem têm a luz, nem as harmonias do amanhecer... Serão como as madrugadas chuvosas,—desconsoladas, mudas e monotonas.

*Alvoradas* são tambem os toques militares com que se despertam do somno os soldados... Não poderão chamar-se assim os clamores da minha poesia, obscura sentinella republicana, bradando aos soldados da causa sancta que é tempo de acordar?

Taes são as minhas *Alvoradas*, harmonias do coração e do espirito, tributos de amôr sincero e de convicção profunda, que eu deponho aos pés dos dous idolos de minha mocidade: uma mulher e a Republica!

Rio de Janeiro, 1874.

LUCIO DE MENDONÇA.

PRIMEIRA PARTE



**MUSA DOS VINTE ANNOS**



A...

Amo-te muito, candida creança  
De olhos divinos, de sorriso casto.  
No pobre coração enfermo e gasto  
Os balsamos verteste da esperança.  
Todo eu te pertença — o meu futuro,  
Onde amanhece a gloria entre esplendores.  
E o meu passado inteiro, abysmo escuro  
Onde ha gemidos de profundas dôres.  
— Oh ! sejam-te uma auréola á fronte calma  
Estas pallidas luzes de minh'alma !

S. Paulo, 1874.

L. DE M.



## AURORA

(AO AMIGO JACINTHO P. DA SILVA FILHO)

Na longa e negra noite em que minh'alma, a pobre,  
Geme lugubrememente, em que a saudade chora,  
Rompe uma luz incerta e que mal se descobre,  
Um crepusculo ainda, uns sorrisos de aurora.

Ao doce alvorecer das luzes matutinas,  
Povôa-se a soidão e a aridez se inflora.  
Não sei que primavera alastra de boninas  
O campo ; e aves mil estão saudando a aurora.

Luminosa esperança ! aos seus clarões risonhos  
A crença resuscita, e doida canta agora !  
Não sei que amôr immenso enche de vivos sonhos  
A alma inteira. Oh ! salve, abençoada aurora !

Minh'alma, patria azul do sonho e da esperança,  
Exila o desalento . . . ei-lo já mar em fóra . . .  
Purissimo se arqueia um céu todo bonança,  
Alumiado á luz de uma esplendente aurora !

Oh hymnos de minh'alma, aves entorpecidas,  
A noite escura e longa e fria foi-se embora ;  
È nado o sol que anima as azas entanguidas ;  
Voae ! cantae no espaço o jubileu da aurora !

Oh! graças, Deus, meu Deus! eu creio em ti, eu creio!  
Minh'alma se ajoelha, e te agradece e adora !  
Dás um balsamo, o amôr, ao magoado seio,  
È apóz a negra noite ergues no espaço a aurora !

S. Paulo, Maio de 1872.



## À TARDE

Quando a fogueira do poente arde  
E começa um torpor suave e lento,  
Embebe-se também o pensamento  
Na tristeza monotona da tarde.

Esbatem-se os contornos ; quanto existe  
Mostra faces suaves, esfumadas...  
Tudo amenisa-se... as paixões veladas  
Tornam-se calmas como a hora triste.

Como os passaros vôam mollemente  
Demandando dos ninhos o repouso,  
Passaros d'alma, vão buscando o pouso  
Os pensamentos, no saudoso ambiente...

O pouso hospitaleiro que, à distancia,  
Aos olhos nos occulta a sina austera,  
Aonde a esposa de nossa alma espera,  
Onde passou-se a descuidosa infancia.

Onde, nas horas em que a noite desce,  
De longas sombras inundando as almas,  
Nossa mãe, nossa irmã, com as fronteiras calmas,  
Erguem por nós affectuosa prece.

Branda melancholia nos invade  
Com a doçura de um balsamo divino...  
Oh dona de minh'alma e meu destino,  
Eu lembro-me de ti... com que saudade!

S. Paulo, Ponte Grande, 1873.



## ALICE

Os seus olhos são como os das pombas,  
sem fallar no que está occulto dentro.

CANTICO DOS CANTICOS.

Imagina um sorriso de creança,  
Todo candura, e juncta-lhe a meiguice  
De um sorriso de mãe ; e tens ideado  
O sorriso de Alice.

Imagina um olhar — mysterio e sonho,  
Cheio de luz, de gloria, de doidice...  
Com a seducção dos olhos da mãe-d'agua;  
E tens o olhar de Alice.

Imagina uma grave melodia,  
Tão doce como nunca mais se ouvisse,  
Como nunca se ouviu na terra ainda ;  
E tens a voz de Alice.

Já viste como o cysne fende o lago ?  
Como deslisa a névoa na planicie ?  
Como anda na clareira a pomba rôla ?  
E' vêr o andar de Alice.

Olha o macio pétalo corado  
De rosa que de todo não abrisse...  
O mimo da conchinha nacarada;  
E' a bocca de Alice.

Si um dia visses no alcantil dos cerros  
A immaculada neve que cahisse,  
Verias, ai de mim ! do que é formado  
O coração de Alice.

1874.



# MORTA

A. DE MUSSET

(AO DR. LUIZ BARBOZA)

Era bella, si a noite adormecida  
No ádyto sombrio da capella,  
Onde lhe fez o leito Miguel Angelo,  
Póde, immovel, ser bella.

Era bôa, si basta que, passando,  
A mão abra-se e dê, sem que em verdade  
Deus nada veja ou diga: si é esmola  
Ouro sem caridade.

Pensava, si sómente o vão murmúrio  
De harmonioso, de suave accento,  
Como um arroio que sussurra e geme,  
Denota o pensamento.

Orava, si é verdade que dous olhos  
Bellos, ora fictando-se no chão,  
E ora para o céu se levantando,  
Se chamam oração.

Ella houvera sorrído, si a flôrinha,  
Que não desabrochou nunca, pudesse  
À frescura, uma vez, se abrir, ao vento,  
Que a beija, passa e esquece.

Ella houvera chorado, si algum dia,  
Friamente levada ao peito seu,  
Sentisse sua mão na argila humana  
Os orvalhos do céu.

Ella teria amado, si o orgulho,  
Egual a essa luz que inutil mão  
Juncto a um tumulto accende, não guardasse-lhe  
O esteril coração.

Está morta, sem nunca ter vivido,  
Esteve só fingindo que viveu.  
De suas mãos cahiu emfim o livro  
Em que ella nada leu.

1871.

---

## A INSENSIVEL

( A ALFREDO BRANDÃO )

Chamava-se Idalina, e tinha vinte e um annos.  
Era alva, esbelta, loira . . . entre mulher e fada.  
Diziam que era estranha aos affectos humanos,  
Pois nunca a viram rir e nem chorar de nada.

Si dêsse para o mal, enchia dous infernos  
De réprobos. Tambem, si dêsse para amar,  
Que d'almas para o céu ! Mas os gelos eternos  
Cobriam-lhe a alma inteira, a sua alma polar.

Era Idalina assim. Poetas em manada  
Sagravam-lhe do estro a luz brilhante e fátua . . .  
Mas a poesia aos pés morria-lhe esmaiada  
Como alvores de lua em pedestal de estatua.

Dir-se-hia que Deus, vendo-a bella, estupenda,  
E não querendo dar ao mundo a perfeição,  
Ao invéz do que fez o Prometheu da lenda,  
Pôz estatua a mulher : tirou-lhe o coração.

Amôr, intimo hymno, harmonia divina,  
Musica d'anjos n'alma, eólio murmurio,

Porque não lhe animaste a fôrma peregrina ?  
Porque lhe não encheste o coração vasio ?

Si pudesse um momento aquella creatura,  
Por milagre de Deus, amar na terra álguem,  
O amôr que ella inspirasse era a extrema loucura,  
Pois ser amado d'ella era o supremo bem !

Muito peito adorou-a em sancto amôr acceso,  
Mas a chamma voraz se extinguia ao despreso.  
Mais de uma vida em flôr por ella se perdeu  
Em negro desespero ; e nem se commoveu.

Elle era bello e loiro, um nobre cavalheiro  
De aspecto senhoril e modo sobranceiro.  
Era sceptico e rico ; amantes, tinha-as mil.  
Tinha um limpido olhar sereno e varonil,  
Olhar de rei, olhar de fria magestade.  
Formoso como a fé, triste como a saudade,  
Tambem nunca sorria. Aqui tendes Raul.

Era uma linda tarde ; o céu estava azul  
Como uns olhos de ingleza. Oh ! á tarde, o Passeio  
Como fica bonito ! Estava mesmo cheio  
No dia em que isto foi. Raul estava lá.  
Idalina lá estava : aonde o homem está,  
'Stá o perigo, diz-se, e tudo a crêr me inclina.

Estava, como eu disse, uma tarde divina.  
No terraço, Raul, já contemplado o mar,

Voltava, quando viu Idalina passar.  
Olharam-se. No olhar existe um magnetismo.  
O olhar de uma mulher tem sempre um quê de abysmo  
Eu não sei o que foi; o certo é que depois  
Em um baile, essa noite, encontraram-se os dois.

Dizia-se mais tarde, a uma voz, na cidade,  
Que partira Raul, depois da f'licidade  
Maior que já na terra um homem pôde ter.  
Perdêra-se Idalina. Eu não podia crêr.  
Mas assim foi. Um dia, aquella paixão toda  
Abafada insurgiu-se: amou como uma douda!  
Mas a um homem sem fé, que porisso a perdeu.  
E sabem o que fez a insensivel? Morreu.

S. Paulo, 1873.

---



# GALATHÉA

( A MARTIM FRANCISCO JUNIOR )

É uma deusa lendaria,  
Gelada perfeição rara,  
Um primor de estatuaria,  
Que um grego artista assignára.

Parecerá que retrato-a  
Sem sentimento; que importa ?  
É uma belleza de estatua,  
Perfeita, correcta e morta.

S. Paulo, 1871.





## GALATHÉA

Nos olhos tens a transparencia pura  
Do nosso céu, e abysmos de ternura...  
E promessas de luz e perdição !  
Nos lábios tens rosados paraísos,  
Jaspe, ambrosia, nácar e sorrisos ...  
Como és bella, mulher sem coração !

Quando a cabeça languida reclinas  
E essas tuas palpebras divinas  
A meio cerras indolente... e a mão  
Deixas pender abandonada aos beijos...  
Tens um seio que arfa de desejos...  
Mas o que tu não tens, é coração !

Tu sabes a delicia que me invade  
Quando, em horas de febre a mocidade,  
Beijos de luz os nossos olhos dão !  
E mal me vou embora tudo esqueces !  
Olha ! a suprema perfeição pareces...  
Só o que tu não tens, é coração !

Rio, 1873.





# UMA MULHER

NOCTURNO DE HEINE

( A J. FELIZARDO JUNIOR )

Elle e ella se amavam ternamente,  
Ambos ladrões. Quando elle commettia  
Uma das costumadas ligeirezas,  
Cahia ella no leito, e ria e ria.

Em festas se passava o dia inteiro,  
No peito delle á noite ella dormia.  
Quando á cadeia o conduziram preso,  
Ella poz-se á janella, e ria e ria.

Elle escreveu-lhe que viesse vê-lo,  
Que de saudades della se morria.  
Quando ella recebeu a carta delle,  
Sacudiu a cabeça, e ria e ria.

De manhã, ás seis horas, o enforcaram,  
E ás sete na valla apodrecia ;  
Mas uma hora depois, ella sem elle  
Bebia rubro vinho, e ria e ria.

1874.





## LUSBELLA

Embalde contra ti, quando perdi-me,  
Sancto nome invoquei como exorcismo :  
Ha nos teus olhos tanto magnetismo,  
Que á sua tentação ninguem se exime.

Lembrando-me de ti, mulher sublime,  
Tenho a loucura n'alma quando scismo !  
Ha nos teus olhos a attracção do abysmo !  
Ha nos teus labios o sabor do crime !

Quando sorris, perversa, tomba um ente  
Na eterna sombra onde não chega Deus  
E ha dentes a ranger eternamente !

Oh ! eu trocára a luz toda dos céus  
Pela chamma do inferno mais ardente,  
Por um só beijo nesses labios teus !

S. Paulo, 1873.





## ANGELA

Ah! yo imagino á Angela, pisando estrellas  
en el cielo, resplandeciente de hermosura, entre  
los coros de los ángeles, entonando el canticó  
de la bienaventuranza.

CASTELAR.

Fica na tua placidez divina,  
Alva e loira visão, que nunca sintas  
Da paixão que devora, que hallucina,  
As tôrvas chammas infernaes, famintas !

Nem chores nunca as illusões extinctas !...  
Foge, foge do amôr, que é triste sina.  
Esse *demonio interno* não consintas  
No immaculado seio de menina.

Sonho-te sempre assim, anjo radioso,  
Com o sorriso cheio de carinho  
E innocencia que inunda-me de gozo...

Postas as mãos, mais alvas que o arminho,  
E embebido o olhar no azul saudoso  
Do céu, como seguindo-lhe o caminho.

Rio, 1874.

---



# HINVERNO

( A EZEQUIEL FREIRE )

Chove como um diluvio, as azas da procella  
Rufam-me um festival nos vidros da janella.  
Escrevo mansamente, e aqui tenho ao pé,  
Aberto sobe a mesa, um livro de Musset,  
O querido poeta, o grande libertino  
Que nas taças bebia em cada gotta um hymno.  
Depois, é já inverno... Ah! como sou feliz  
Quando vejo na terra o amarello matiz  
Deste bom velho amigo e de feições austeras.  
Eu prefiro um inverno a vinte primaveras.  
Não gósto do verão ; como um amante audaz,  
Loiro raio de sol, malcreado rapaz,  
Entra pela janella, enche de claridade  
A sala, e me perturba a doce obscuridade.  
No inverno ha o socego, ha o tranquillo estar,  
A intima conversa, o brazeiro a estalar.  
Contemplam-me da estante, amigos costumados,  
Poetas que eu reuno em casa, encadernados,  
Hugo — o semi-deus — e Uhland — o mimoso,

O doce Lamartine e o Byron tumultuoso  
E o Méry musical, e, junctos acolá,  
Tre slivros que contêm cantos de sabiá,  
Os *Cantos* do Varella.

Hinverno, meu amigo  
Escuta-me um segredo, e guarda-o bem contigo  
É ridiculo e triste. Em proximo porvir,  
Quando no esquecimento eu gelado dormir,  
Tu alastra-me o chão de folhas amarellas.  
Terão cahido já, mais mortas do que ellas,  
As minhas illusões. É que a vida se esvae  
Como a fumaça azul do loiro *bird's eye*.

1874.



## O ANJO DA GUARDA

( A MANOEL CARNEIRO )

A rua estava callada.  
Em torno tudo dormia.  
No céu, a lua, afogada  
Pela névoa, nem se via.

Subito, assoma á janella  
Que deita para o jardim  
De uma casa, branca e bella,  
Uma visão. E ao fim

Da longa alameda escura  
Um vulto a não sorprehende.  
Chega-se elle, e com ternura  
Beija-lhe a mão que ella estende.

A mão trava-lhe da sua,  
Attrahê-o para o balcão.  
— Limpido raio de lua  
Illumina a scena então.

Retrahe-se o crime sombrio  
Deante da luz tão alva !  
Com a face accesa em brio,  
A doce virgem se salva.

Já tudo quêda em repouso,  
E só se ouve por fim,  
O perpassar amoroso  
Da aragem pelo jasmim.

Está na camara sua  
A moça ; a dormir não tarda.  
— Aquelle raio de lua  
Era o seu anjo da guarda.

1873.

---

## O ADEUS

Quando cheguei, a sala resoava  
De festivo e ruidoso vozear.  
    Juncto á lampada estava,  
    Bella de hallucinar,  
A mesma que me pôz esta alma escrava.

Quando na sala entrei, ella sorria,  
A creatura linda!... E era amôr  
    Que naquelle momento desferia  
    Seu labio encantador...  
Porque o sorriso della é uma harmonia.

Quando a fitei, bem juncto, palpitante,  
Casando olhares com olhares seus,  
    Estava o seu amante.  
    E aspirava-lhe, oh Deus!  
Os magicos effluvios do semblante.

Quando me viu, saudou-me distrahida,  
Voltou-se para *elle*, e, de cruel,  
    Em minh'alma dorida  
    Verteu ciume,—fel  
Que tinha de amargar-me toda a vida.

Quando fui despedir-me, ella sorria...  
Roçaram só de leve os dedos seus  
Pela minha mão fria...  
No entanto aquelle adeus  
Era o ultimo adeus que eu lhe dizia!

1872.



## O LENÇO BRANCO.

Lembras-te, Anninha, pérola roceira,  
Hoje engastada no ouro da cidade,  
Lembras-te ainda, oh bella companheira,  
Dos velhos tempos da primeira idade ?

Longe dessa botina azul-celeste,  
Folgava-te o pésinho no tamanco...  
Eras roceira assim quando me déste,  
Na hora de partir, teu lenço branco.

Como aquella camisa que, na lenda,  
Deu a noiva ao cruzado, e a qual a salvo  
Punha-o dos golpes da peleja horrenda,  
Assim o lenço que me déste era alvo !

Muito chorei depois que te partiste...  
Mas ainda agora as lagrymas estanco  
Chegando aos olhos, em silencio triste,  
Aos turvos olhos o teu lenço branco.

Ai ! de esquecer-te no baldado empenho,  
Ainda accendra-se a constancia minha !...  
Que longos beijos imprimido tenho  
No alvo lenço que me déste, Anninha !

E as saudades,—as sombrias flôres,  
Lavram-me n'alma como em sólo franco...  
E o adeus foi morte aos infantis amôres,  
Foi um sudario este teu lenço branco !

Talvez,—porisso que a cidade mata  
As flôres d'alma com seu brilho immenso, —  
Talvez agora, creatura ingrata,  
Nem mais conheças o teu pobre lenço !

Mas quando o peito que a paixão encerra  
Cahir-me apóz o derradeiro arranco,  
E fôr meu corpo abandonado á terra, ...  
Cubra-me as faces o teu lenço branco !

Rio, 1872.



## VOLTANDO DO MAR

MÉRY

Era á hora em que o céu constella-se de mundos,  
Em que Deus, adornando ao que queremos bem,  
Sumiu com uma das mãos o sol nos mares fundos,  
Com a outra, a lua ergueu lá dos montes além !

Casta recordação de uma noite ditosa !  
O mar dir-se-hia vir do horisonte sem fim  
Para manso beijar com a onda amorosa  
Teus pequeninos pés calçados de setim.

Brilhava o astro<sup>4</sup> da noite o seu disco inclinando,  
E, para te mostrar, accendia o fulgor  
Do dia ; qual sultão a odalisca olhando,  
Por elle promettida ao seu feroso amôr.

Com sua argentea gaze a atmosphaera suave  
Ameigava-te o corpo e luzia-te ao pé ;  
E, tapiz de velludo em que rainha grave  
Anda, a areia a teus pés amimava-os até.

Eu, com a força toda e com toda a minh'alma,  
Oh ! como desejára em minhas mãos pegar  
Esse instante fugaz de paixão e de calma  
Que passava-me alli para não mais voltar!

1873.



## NO INTIMO

Inda mais uma vez, meus olhos, vistes  
O vosso enlevo, a creatura sancta,  
Por quem minh'alma se extasia e canta...  
E verte depois lagrymas tão tristes.

Estava pensativa... ainda mais bella!  
E distrahida os olhos demorava  
Em vós, meus olhos... e affastei-vos della,  
Porque meu coração por vós olhava...

E eu já lhe disse muitas vezes : — Calla !  
Occulta-me este amôr muito em segredo...  
Póde ella perceber, e tenho medo  
Que não vamos com isso magoá-la.

Porque turbar-lhe a placidez da face?...  
Porque fallar de dôr aos seus prazeres?...  
Ella é tão bôa que talvez chorasse...  
E melhor fôra, coração, morrêres !

1872.





## A FAMÍLIA

( A JOAQUIM NABUCO )

Riquíssimo e, coitado ! orpham quasi ao nascer,  
Emfim o saciára a taça do prazer.  
Havia naquella alma tanta esterilidade  
Que nem uma esperança e nem uma saudade  
Alimentava mais ! Pobre filho do pó,  
Tens um recurso extremo — a morte — unico e só.  
Tudo é deserto aqui ! Oh alma envilecida,  
Levanta-te uma vez ! É um direito a vida !  
É um peso ? Está bem : pódes deitá-lo fóra.  
E raiará, quem sabe, a divinal aurora !

Vem a noite a cahir... que frio nevoeiro !  
Que triste anoitecer ! . . e é o derradeiro !  
Já de pontos de luz o amplo céu se cobre.  
Quantos astros de Deus serão teus cirios, pobre !  
Vae ! ouviste a rasão : não póde ser um crime.  
Ouves ? lá brame o mar... é profundo e sublime.  
Nas frias ondas, olha ! em menos de uma hora  
Tu boiarás sem vida... É quasi como agora.

Partiu. Pelo caminho, olhava para os lados.  
Elle ia pela rua. Os homens, socegados,  
Recolhiam-se á casa. O que tem? porque pára?  
Eis por uma vidraça o quadro que avistára :

Era elegante a sala, e quente e confortada.  
Á mesa, juncto á luz, estava a mãe sentada.  
Cosia. Mais além, um casal de creanças,  
Risonhas e gentis como umas esperanças,  
Olhavam junctamente um livro de gravuras,  
Inclinando sobre elle as cabecinhas puras.  
N'um gabinete, além, que entreaberto se via,  
Um homem,—era o pae,—calmo e grave, escrevia.  
Emfim, uma velhinha. Estava agora só  
Porque estava rezando. Era, de certo, a avó.  
E em tudo aquillo havia uma paz, um conforto!..  
Oh! a familia! o lar! o bonançoso porto  
No tormentoso mar! abrigo, amôr, carinho!..

O moço esteve a olhar.

E voltou do caminho.

1873.



# A ALMA DO OUTRO MUNDO

VICTOR HUGO

( A MEU AMIGO O PADRE FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES )

Quando a mãe chora o filho, o céu ouve os gemidos,  
Deus, que na mão encerra os passaros perdidos,  
Manda, às vezes, que volte a pomba foragida  
Ao mesmo ninho seu que abandonado fica.  
Ha intima união entre a morte e a vida,  
Com a sepultura, oh mães, o berço communica.  
Mais de um mysterio assim na eternidade ha.

A mãe de que vos fallo habitava em Blois ;  
Em tempo mais feliz que o de hoje, conheci-a :  
Com a casa de meu pae a sua visinhava.  
Todos os bens que Deus permite ou dá, possuia.  
O homem que desposára era o mesmo que amava.  
Teve um filho ; meu Deus! que alegria ineffavel !

Tinha um berço de seda a creança adoravel ;  
Si era o primeiro filho ! a mãe o amamentava ;  
Que suave rumor fazia á cabeceira  
Do leito nupcial ! durante a noite inteira  
Estava a idear a mãe chimeras que a encantavam,

Pobre mãe, e na sombra os olhos seus brilhavam,  
 Quando, sem respirar, sem voz, renunciando  
 O somno, se inclinava, e n'aquella attitude  
 Escutava o dormir tão socegado e brando  
 Da creança gentil corada de saúde.  
 E, logo cedo, estava, orgulhosa, a cantar.

Na poltrona, p'ra traz, ia-se recostar,  
 Entremostrando o chale o seio entumecido,  
 A sorrir para o filho, a chamar-lhe querido  
 Anjo, thesouro, amôr ; e outras tantas loucuras.  
 E beijava-lhe os pés, rosadas miniaturas,  
 E fallava-lhes muito ! e o menino ria,  
 Encantador e nú, e, por baixo dos braços,  
 Dos joelhos á bocca a mãe o suspendia.

Trémulo como um gamo ao qual assusta os passos  
 Uma folha, cresceu. Crescer é cambaleiar  
 Para a creança. Entrou a andar, a fallar,  
 Tres annos completou ; idade suave e bôa,  
 Em que a palavra já bate as azas e vôa,  
 Como um passaro novo ainda E a mãe dizia  
 A estremecer de amôr : « Meu filho ! » e proseguia :  
 « Como elle está crescido ! olhem como cresceu !  
 Já está aprendendo ; e já conhece o seu  
 A B C. Isto é um demoninho ! Já  
 Quer calças, e não quer saber dos vestidinhos ;  
 São já bastante máus estes taes homemzinhos !  
 Mas, emfim, já lê bem ; ha de ir longe ; é bem agil  
 E vivo ; no Evangelho o ensino a soletrar. »

E adorava olhando essa cabeça fragil,  
E mulher venturosa, e mãe de altivo olhar,  
Sentia o coração no filho palpitar.

Um dia, — e quem não tem o seu funesto dia?—  
A *coqueluche*, o monstro, a negra ave sombria,  
Sobre a casinha branca, eis, subito, desceu.  
Contra a pobre creança, horrenda arremetteu,  
Agarrou-lhe a garganta: oh negra enfermidade!  
Do ar côm que se vive infame deslealdade!  
Quem não viu debater-se um meigo e pobre ente  
Que ella feroz constringe em seus dedos, suffoca!  
Lucta; os olhos lhe invade a sombra lentamente,  
Um estranho estertor sahe-lhe da fria bocca,  
E tão mysterioso e tal que nos parece  
Ouvir cantar no peito, onde o alento fallece,  
O gallo do sepulchro á sua aurora escura.  
Qual fructo que sentiu da geada a mordedura,  
A creança morreu. Entrou como um ladrão  
A morte e o carregou.—Mãe, pae, toda a afflicção,  
O esquite, a cabeça a bater na parede,  
Lugubre soluçar que da entranha se expede,  
Oh! a palavra expira onde começa o grito;  
Silencio, lingua humana!

A mãe de seio afflicto,  
Emquanto ao lado seu, sombrio, o pae chorava,  
Tres mezes conservou-se ella immovel no escuro,  
Fixo o olhar, murmurando o quer que era obscuro,  
Sinistra, e o mesmo canto olhando como olhava.

Não comia ; de febre, eis do que ella vivia ;  
 Não fallava a ninguem ; a bocca lhe tremia ;  
 Ouviam-na, e o pavor chegava d'alma ao imo,  
 Repetir em voz baixa álguem : « Restituí-m'o ! »  
 Disse o medico ao pae : « Cumpre dar distracção  
 Áquella angustia d'alma, e ao morto um irmão. »  
 E o tempo passou : dia, semana, mez.

Ella sentiu-se mãe pela segunda vez.

Do ephemero anjo ante a caminha fria,  
 Lembrava-se da voz com que elle lhe dizia :  
 « Mamãe », a meditar, muda, no leito seu.  
 Quando em seu seio emfim o ente estremeceu,  
 Que á nossa luz mortal mandou Deus que surgisse,  
 Ella empallideceu. « Que estranho é este ? » disse.  
 De joelhos cahiu, no olhar sombrio lume :  
 « Não, não, não quero ! não ! tu terias ciume,  
 Meu filho adormecido a quem a terra géla !  
 Dirias : « Tomou outro o meu logar ; e ella  
 « Esquece-se de mim ; ella o ama, e sorri ;  
 « Acha-o bonito e abraça, e eu, gelado aqui ! »  
 Não, não ! »—

Assim chorava aquella dôr sombria.

Dá outro filho á luz, quando é chegado o dia,  
 E exclama alegre o pae : « É menino tambem. »  
 Mas só o pae se alegra em casa, mais ninguem.  
 A mãe está triste ainda, e a pallida senhora  
 Sobre a lembrança antiga ainda se inclina agora

E medita; no entanto alguém trazer-lhe veio  
O filho; não se oppoz e lhe entregou o seio;  
Nisto, e quando, a pensar, feroz e succumbida,  
Não no filho que tem, mas nessa alma fugida,  
Não na faixa infantil, porém sim no sudario,  
Diz: « No tumulto o anjo está tão solitario! »,  
— Oh milagre de Deus! Oh mãe recompensada!  
Ouve fallar, com um som de voz bem conhecido,  
Na sombra, no seu collo, o seu recém-nascido,  
E baixo murmurar: « Sou eu. Não digas nada. »

S. Paulo, 1874.

---



## SI TE AMEI

Com a calma cruel da indiferença,  
Sorrindo, perguntaste-me, outro dia,  
Si era mesmo amôr aquelle affecto  
Que n'outros tempos eu por ti sentia.

O nome não lh'o sei para dizer-te ;  
Mas aquelle sentir de minha infancia,  
Oh ! era um sancto enlevo apaixonado !  
Era desta alma em flôr toda a fragrancia .

Si era aquillo amôr, não sei ; mas quando,  
Nos suaves crepusculos da aldeia,  
A meu lado sentindo-te, eu sentia  
De sonhos e de fé minh'alma cheia,

Soava-me uma musica aos ouvidos,  
Ineffavel, angelica... Parece  
Que deve ser assim de mil anjinhos  
No templo azul do céu a doce prece...

Era a falla amorosa de teus labios...  
E as esperanças, — sanctas harmonias  
Do céu cahidas n'alma, — a flux me vinham  
A mente inebriar... pois tu sorrias.

E quando, á noite, no serão tranquillo,  
Naquella suavissima postura,  
Calma e serena, eu via-te sentada  
Á mesa, e a fronte curva na costura...

Que planos de futuro então surgiam-me  
No espirito encantado!... era, ai ! não rias !...  
Era contigo um lar no ermo... occulto...  
Cheio de paz, de sombra e de harmonias...

Onde, á tarde, cantassem no arvoredo  
As avesinhas gárrulas... aonde  
Estivesse comnosco a f'licidade  
Que no intimo lar se aninha e esconde...

Onde, nas tardes de verão serenas,  
No vão de uma janella a sós contigo,  
Fallassemos, — eternos namorados,  
E olhassemos o céu azul e amigo.

Ha tanto tempo já !... não é verdade ?  
Já não te lembras de mais nada... eu sei ...  
E esta saudade a consumir-me sempre !  
... E perguntas-me ainda — si te amei !



## SIC FATA...

Assim, Marília,  
Se acaba tudo.

GONZAGA.

Barbara lei do destino !  
Era amôr, é amisade.  
Prosaica realidade  
Fez-se o poema divino.

Tu eras creança e linda,  
Eu era terno e creança...  
Lembras-te quanta esperança ?  
Mas, dize, lembras-te ainda ?

Quantas vezes eu dizia,  
Fascinado de teus mimos :  
— Tudo isto quanto sentimos,  
Tudo ha de acabar-se um dia ! —

E tu ficavas tão séria  
A olhar-me tristemente  
Com o teu olhar innocente  
Embebido em luz etherea !

Eu bem dizia, estás vendo,  
Já nada resta d'aquillo !  
O sonho azul e tranquillo  
Aos poucos se foi perdendo.

Pobre affecto casto e doce !  
Pobre amôr ! pobre coitado !  
Dorme na paz do passado.  
Era destino, acabou-se.

Icarahy, 1874.



## ANNIQUILAMENTO

Ouves? morrem no espaço  
Da ave-maria os derradeiros dobres...  
Era assim nesta hora que, sentada  
Na cadeira cingida por meu braço,  
Escutavas a languida toada  
Das minhas canções pobres.

Meus olhos, estás vendo,  
Enxutos brilham ; tambem eu já posso  
Sem lagrymas lembrar-me do passado.  
O primeiro martyrio foi tremendo,  
Por Deus ! mas hoje do romance nosso  
Está tudo acabado.

Às vezes, por acaso,  
Quasi a perder-se, fugitiva, incerta,  
—Raio de um sol que se abysmou no occaso,—  
A tua imagem me atravessa a mente...  
Mas nenhuma saudade mais desperta,  
E passa indifferente.

Por culpa tua se extinguiu a chamma.  
Mas á vaidade resta-te um conforto :  
É que este coração que te não ama  
Está gelado e morto.

1874.



## DUAS NOITES

Hontem, no baile, estavas tão bonita !...  
Mas tambem tão esplendida !... ai de mim !  
Porque minh'alma fica triste e afflicta  
Quando te vejo deslumbrante assim.

Quando te vejo assim—belleza altiva  
A dominar a turba que se humilha,—  
De te vir a perder apprehensiva,  
Minh'alma se confrange. Escuta, oh filha :

Mais formosa te achei, de olhos vermelhos,  
Aquella noite, em camara sombria,  
Velando piedosa, de joelhos  
Ao pé da velha escrava que morria.

1872.





# A MENINA DO POUSO

IMITAÇÃO DE UHLAND

( AO AMIGO F. E. NASCIMENTO E SILVA )

Pela margem do Rheno vão tres moços  
Voltando alegres ao paterno lar,  
E já no pouso costumado param  
Por breve descançar.

—Trazе-nos, velha, o transparente vinho,  
A espumante cerveja aqui nos dá.  
Que é da menina de cabellos loiros ?  
Onde a menina está ?—

—Bôa cerveja nesta casa tendes,  
Ha na adega tambem vinho de mais.  
Minha filha... ai de mim ! pallida e fria  
Já no féretro jaz !—

E quando entraram no quartinho humilde  
Onde estava seu leito virginal,  
Entre dous cirios, no ataúde negro,  
A viram glacial.

Um delles ergue o lenço que a velava,  
No angelico semblante pouosa o olhar :  
—Si vivêras ainda, linda moça,  
    Mais te havia de amar !—

Outro deixa-lhe estar o véu no rosto,  
E volta-se com trémulo gemer :  
— Eu que tanto te amei, bella creança,  
    Assim te hei de vêr ?—

O terceiro chegou-se, e, desvelando-a,  
Nos labios d'ella os labios foi collar  
N'um doce e casto beijo :—Amei-te, amo-te  
    E sempre te hei de amar ! —

1872.



## A VOLTA

( A ALMEIDA SARINHO )

É tudo o mesmo. No arvoredado ao lado  
Inda as brisas murmuram como d'antes...  
Inda no céu da tarde avermelhado  
Grupam-se as mesmas nuvens cambiantes...

Os mesmos grillos cantam no terreiro...  
Inda embebem-se as auras nos perfumes  
Do morro agreste... No hervaçal fronteiro  
Accende a noite os mesmos vagalumes...

Era assim mesmo outr'ora... Pela estrada  
Volta o trabalhador e vem cantando...  
E das aves em busca da pousada  
Passa nos ares o ligeiro bando...

Nada os astros perderam do seu brilho...  
A serrania está como deixei-a...  
Era assim que eu sonhava-te no exílio!  
Tu eras mesmo assim, oh minha aldeia!

Nos labios da mulher com que eu sonhava  
Ha o mesmo sorriso... ainda caricias  
Tem o celeste olhar que me enlevava  
E que n'alma vertia-me delicias...

Nada mudou-se aqui... Só eu que venho  
É que o mesmo não sou !  
Ai não sou, não ! sómente as fórmulas tenho  
De um outro que sonhava... e que acabou !

1872.



## EXPERIENCIA

Conta a fabula que um dia  
No monte estava um pastor ;  
Era de tarde ; fazia  
Um tempo esplendido ; a côr  
Do occaso punha vermelhas  
As aguas lisas do mar.  
Na relva, as brancas ovelhas  
Pastavam manso pastar.

Lá na extrema do horisonte,  
Que bem longe se avistava,  
Nesse momento passava  
Uma vela peregrina...  
O pastor viu-a do monte...  
E se poz a meditar  
Na sua misera sina  
De levar a vida inteira  
Nesse pobre apascentar  
Os seus rebanhos ; emquanto  
Que essa vela aventureira  
Ia ganhar tanto ! tanto!  
E era tão manso o mar !

Ei-lo que rapido se ergue,  
A ambição todo o accende...  
Já sem mais demora vende  
O rebanho, o campo, o alvergue.  
Que sonhos grandes que tem !  
Que de visões sedutoras !  
Ás verdes ondas traidoras  
Aventura-se tambem.

Cedo volta e abatido,  
Pobre naufrago, sem nada !  
Chóra o alvergue perdido  
E a pacifica manada...  
Mas trabalha, e recupera  
Os calmos bens que tivera.

E quando, á tarde, no monte  
Foi sentar-se como d'antes,  
E viu limpido o horizonte  
E velas brancas distantes,  
E as ondas verdes e planas,  
Disse, lembrado, e sorrindo :  
« Oh mar, estás muito lindo,  
« Mas a mim, já não me enganas ! »

~~~~~

Era um fulgido tempo de esperança,
Quando a meu lado tu surgiste, um dia...
Nos teus olhos azues quanta bonança !
E como o teu sorriso promettia !

Ousei, eu, pobre trovador sem nome,
Sonhar delirios de paixão contigo !
O teu limpido olhar foi que enganou-me...
Oh ! que ambição, meu Deus ! e que castigo !

Perdi naquelle amôr os meus thesouros
Immensos de ternura, e a Esperança,
A alegre musa de cabellos louros,
Abandonou-me os sonhos de creança !

Hoje minh'alma em novo amôr se inflora...
Novamente de crenças enriqueço...
Embalde o teu olhar tenta-me agora :
Já não me enganas mais,—eu te conheço.

Rio, 1873.

O CAVALHEIRO DO LUAR

(LENDA)

Estava Julia, á noite, na janella,
N'uma noite lindissima de lua,
Embevecida no amoroso encanto,
Que no ambiente magico fluctúa.

Então, como n'um sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Bello ao clarão da lua.

Era noite de festa no castello,
Uma noite lindissima de lua.
Julia estava com o noivo na janella,
Presas as mãos, a face unida á sua.

Então, como n'um sonho,
Embaixo, pela rua,
Passava estranho moço,
Triste ao clarão da lua.

Era noite de lucto no castello,
Uma noite lindissima de lua.
Estava Julia morta no seu leito,
Velava o noivo á cabeceira sua.

Então, como n'um sonho,
Embaixo pela rua,
Passava estranho moço,
Alvo ao clarão da lua.

1874.

NO ANNIVERSARIO DE UMA MENINA

Bella flôr em botão, linda mulher na infancia,
Guarda bem dentro d'alma, afim que não se mude,
O celeste perfume, a divinal fragrancia,
Na creança — innocencia, e na mulher—virtude.

1872.



NUDA ANIMA

(VERSO)

Elle era um desgraçado !
Pois nem tinha esperanças no futuro,
E nem saudades tinha do passado !
Ai ! que destino duro !

Nem ter saudade, ao menos !
Viver, passar... e não lembrar-se mais !
Caminhar, caminhar... e nunca átraz
Volver olhos serenos !

Que alma pobre !... não era ?
No entanto, eu sei, senhora :
Tinha em si muita luz ! oh ! mais que a aurora !
Mais festivas canções que a primavera !

Tambem ha para as almas um inverno :
É o desalento. Quando
Elle vem desolar o mundo interno,
Vão-se as crenças em bando !

Compadecei-vos delle... infortunado !

Chorae-lhe o fado escuro,
Que é não ter illusões para o futuro,
Que é lagrymas não ter para o passado !

1872.



ANIMA PLENA

VICTOR HUGO

(REVERSO)

Eu, que nos labios tive a tua taça cheia,
Que já nas tuas mãos pousei a fronte triste ;
Que respirei-te da alma, e tanto ! o doce halito,
Perfume que na sombra occulto e casto existe ;

Eu, que já pude ouvir de ti essas palavras
Que um coração começa e o outro adivinha ;
Eu, que juncto dos meus já vi chorar teus olhos
E sorrir tua bocca ao alcance da minha ;

Eu, que já recebi sobre a cabeça em extase
Um raio de teu astro, ai ! sempre tão velado ;
Eu que já vi cahir na onda de minha vida
Um petalo de rosa aos dias teus roubado ;

Posso agora dizer para os rapidos annos :
« Passae ! passae ! p'ra mim não ha envelhecer !
Levae, leveae comvosco as vossas murchas flôres ;
Tenho n'alma uma flôr que não podem colhêr !

De vossa aza ao roçar não cahe nem uma gotta
Deste vaso em que bebo, e eu enchi-o bem !
Meu coração tem mais amôr que vós olvido !
E mais que cinza vós, minh'alma fogo tem ! »

1873.



IDEAL

(A EVARISTO MARINHO)

Oh ! o meu ideal é uma loucura.
Concebe-se talvez, não se descreve.

Imagina que é uma creatura

Alva, divina, leve

Como um sonho innocente ; esbelta, loura ;
Anjo e demonio ao mesmo tempo ; um mixto
De candura e paixão, de fogo e neve ;

Ingenua e seductora ;

Mulher como sómente hão de ter visto

Esses enfermos do divino mal,

Os poetas, a turba sonhadora,

Os ébrios de ideal !

Puros, grandes, azues seus olhos são,

Cheios de luz, de vida e alegria

Como um céu de verão

Em pleno meio-dia.

Quando suavemente,
Em uns arroubos mysticos, divinos,
Os ergue ao céu, serenos, embebidos
De uma celestial melancholia,
Tudo alli para a gente
Em torno della então se transfigura...
Escuta-se uma musica plangente.
Murmurios eólicos, brandos hymnos,
Como em surdina, frouxamente ouvidos,
Exhalam-se, remontam para a altura.
Abre ténue sorriso os labios seus...

E quem está perto sente
Um extase ineffavel invadi-lo,
Alvo clarão tranquillo,
Que a presença parece já de Deus.

E nunca posso vê-la
Surgir de minhas scismas deslumbrante,
Sem que logo minh'alma ajoelhada
Humilhe-se a adorar no mesmo instante...
Porque essa creatura é immaculada,
Pura como uma estrella.

Loira visão luminosa,
Dá que minh'alma anciosa
Possa um momento gozar!
Eleva-me ao paraíso
Nos clarões do teu sorriso,
Nas ondas do teu olhar!

No teu collo deslumbrante,
Oh ! consente-me um instante
A fronte accesa de amar.
Mostra-me o céu que diviso
Nas ondas do teu sorriso,
Nos clarões do teu olhar !

Eis a mulher que imagino,
Que em mim mesmo vejo e ouço.
Eis a doce promettida
Das minhas scismas de moço.
Oh ! quando hei de vêr na vida
O loiro anjo divino !
Dá-me, oh Deus ! dá-me, Senhor,
O ideal de meus desejos,
De labios virgens de beijos,
De seio virgem de amôr !

Mas, ai de mim ! da pobre humanidade
O meu sonho transpõe o baixo nivel :
Esta branca visão da mocidade
É mais do que ideal — é impossivel.

Icarahy, 1853.

OITAVA RIMA

Quia fortis ut mors dilectio,
dura sicut infernus æmulatio;
lampades ejus lampades ignis
atque flammæ.

CANT. CANTICORUM.

Que vivo amôr o meu, que não se apaga
Ante o gelo de tanta indiferença !
Antes, mais violenta se propaga
A sua chamma immorredoura, intensa.
Ella vingou do tempo a fria vaga !
Já comigo não tenho com que vença
Esta paixão indomita, insensata,
Que me devora, que me abrasa e mata !

Eu não deixo-lhe nem uma esperança,
Uma unica apenas, que a alimente !
Os meus ultimos sonhos de creança,
Consumiu-m'os a chamma vehemente !
E sobre as cinzas hoje ainda se lança,
E faz-me ainda palpitar ardente
O coração, que apóz tanta agonia
A paz da morte, ao menos, merecia.

Longe, bem longe vim desse olhar terno
Que ateiou-me no peito a luz maldicta !
Nem quando os montes embranquece o inverno,
Nem quando a terra no verão palpita,
Voltei a vêr o brando lar paterno
Aonde a doce creatura habita.
Mas como é nulla a ausencia quando o ausente
Leva comsigo o amor incandescente !

Doida paixão que excede a natureza !
Não cabe tanto amôr em peito humano !
Bem o quero vencer... baldada empreza !
Nem o pôde matar o desengano !
Mas ha de se apagar a chamma accesa,
Ha de extinguir-se emfim o fogo insano...
Um dia, coração, has de ter cura...
È bem funda, é bem fria a sepultura !

1873.

OS CANTOS DOS MORIBUNDOS

UHLAND

(A QUINTINO BOCAYUVA)

I. — A SERENATA

« Que sons tão doces, oh mamãe, me acordam !

Mas o que será isto a tal deshora ? »

« Eu nada oiço, nem vejo. Filha minha,

Dorme teu somno socegado ! Agora

Já não ha serenatas para ti,

Coitadinha de filha tão doente ! »

« Não foi terrestre musica que ouvi,

Para que me tornasse tão contente ;

Era bem lá de cima que ella vinha ;

São os anjos que chamam-me cantando,

Bôa noite, querida mamãesinha ! »

II. — O ORGAM

« Inda mais uma vez tocae-me organ,

Meu respeitavel e meu bom visinho !

E que as magoas do peito me adormente

A piedosa musica ! » Assim pede
 A doente, e o visinho lhe obedece ;
 E nunca assim tocou tão docemente !
 Já nem seu modo de tocar conhece.
 É um estranho canto venturoso,
 Que debaixo dos dedos lhe suspira.
 Para subitamente horrorisado...
 A alma de sua amiga se esvalhira.

III. — O PASSARINHO

« Bem ! não irei ao jardim ; eu fico
 Aqui deitada este verão inteiro,
 Comtanto que oiça o passarinho alegre
 Que está cantando agora no terreiro. »
 O passarinho pegam p'ra a menina,
 N'uma gaiola o prendem ; mas agora
 Ei-lo que triste já não quer cantar,
 E a pequenina cabecinha inclina.
 Olha a creança ainda uma vez, implora
 Com um ternissimo olhar.
 Eis, commovida, a ave
 Sólta um canto dulcissimo, suave,
 E eis que os olhos da creança brillam,
 E apagam-se p'ra nunca mais brillar.

S. Paulo, 1873.



CORAÇÕES E MARAVILHAS

(NO ALBUM DA EXM. SRA. D. M. P. A. M.)

Umás flôres de pétalos mimosos,
Que fechados estão á luz do dia,
Abrem os seios ao celeste orvalho
Quando a alameda está muda e sombria.

Os corações, mysteriosas flôres,
Têm um sancto recato melindroso...
Fecham-se á luz do sol, e só se expandem
Quando desce o crepusculo saudoso.

Emquanto a rosa, a flôr desvanecida,
Os rubros labios sem pudor, sem medo,
Tem-nos abertos, — dessas castas flôres
Guardam timidos labios o segredo.

Abrem-se á noite, quando em céu marmoreo,
Oh branca lua, teu caminho trilhas.
Assim tambem o coração da gente
Abre-se á noite — como as maravilhas.

1874.



A SOMBRA DOS MORTOS

GUTIERREZ

À porta fui bater de um que era amigo,
E a voz expirou-me na garganta,
Porque de ti saudade não habita
Onde delira a dança e a orgia canta !

 Mas vamos, minh'alma, além :
 Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amigos já não tem !

À porta fui bater do amôr primeiro
E para traz volvi angustioso,
Porque a adorada mão de tua amante
A fronte acariciava d'um esposo !

 Mas vamos, minh'alma, além :
 Que a sombra dos que morreram
Na terra ingrata amôres já não tem !

À porta fui bater do lar paterno
E cahiu-me da aldraba a mão tremente :
Ai ! onde o ruido do festim resôa

Já lembranças não moram mais do ausente !

Mas vamos, minh'alma, além :

Que a sombra dos que morreram

Um lar na terra ingrata já não tem !

No dia melancolico dos mortos

Fui ao pé de um sepulchro abandonado,

E com teu nome ergui a minha prece,

Por sobre o musgo d'elle ajoelhado.

Não fujas, minh'alma, já :

Que o nome dos que morreram

Só na pedra dos tumulos está !

1871.

NOITE DE LUAR

(AO AMIGO EUZEBIO DUARTE)

Pelo céu alvacento vae a lua
Meiga e serena como uma alma bôa.
Ha perspectivas vaporosas, calmas,
Que se esbatem ao longe na garôa.

Talvez fluctuem namoradas almas
Na doce claridade compassiva
Destes alvos luares encantados.
Do sonhador a mente pensativa

Sente olhares dos olhos adorados
Da amada longe ausente; e, na miragem
Da saudade, mais viva lhe apparece
A sua abençoada e sancta imagem.

A natureza quêda-se; parece
Que, recolhida, extatica, suspensa,
Escuta algum mysterio das alturas.
Oh bellas almas que viveis na crença,

Oh bemaventuradas creaturas
Que vos amaes! Nos braços ter cingida
A mulher adorada, em noite destas...
Pois não é mesmo ter o céu em vida?

S. Paulo, 1874.



HONTEM À NOITE

VICTOR HUGO

Hontem a brisa da noite,
Cujo sopro acaricia,
Das flôres que tarde se abrem
O perfume nos trazia.

A noite cahia. O passaro
Dormia na escuridade.
Trescalava a primavera,
Mais, a vossa mocidade.

Mais o vosso olhar brilhava
Do que os astros — luz perenne,
E eu fallava baixinho...
Porque era a hora solemne

Em que a alma cantar costuma
Seu hymno mais doce della.
Ao vêr a noite tão pura,
Ao vêr-vos a vós tão bella,

« Vertei o céu sobre ella ! »
Eu disse aos astros, e após
Aos vossos olhos eu disse :
« Vertei o amôr sobre nós ! »

1871.



A ENJEITADA

(A J. MARIANO DE OLIVEIRA JUNIOR)

A casa tem as apparencias ricas
Da infamia feliz... alvas, rendadas
Cortinas... sêdas... galas alugadas...
Miseria que se ostenta! Ai! como ficas

Tão triste ahi, com as faces tão pintadas,
Oh pobre rapariga! e nem replicas
Às torpezas que as almas impudicas
Atiram-te, ao passar pelas calçadas.

A noite vem cahindo das alturas...
Hora de amôr! No olhar que levantaste
Agora ao céu, havia idéas puras.

Depois, qual murcha flôr que pende n'haste,
A fronte inclinas languida, e murmuras:
« Oh minha mãe! porque me abandonaste! »



BORBOLETAS

TH. GAUTIER

As brancas borboletas côr de neve
Vão a adejar em bando sobre o mar.
Oh borboletas brancas, que eu não possa
Seguir pelo caminho azul do ar !

Oh bayadera d'olhos de azeviche,
Bella das bellas, sabes me dizer
Aonde iria eu, si ellas quizessem
As azas emprestar-me? Sem perder

Um só beijo nas flôres do caminho,
Por montes e por valles voaria,
Iria aos labios teus entrefechados,
Flôr de minh'alma, e nelles morreria.

S. Paulo, 1874.

ADORAÇÃO

SAINTE-BEUNE

Palavras, vibrações de um terno peito tímido,
Redobrae de mysterio e carinhoso accento.
E sêde junto della um doce juramento !

Palavras, afagae-a !

Esê mais terno ainda, oh som de voz, mais limpido,
Revela occulto pranto a essa graça ingenua !
Olhar, subito brilha e languido desmaia ;
Sê puro, sê bem casto, olhando-a, meu olhar :
Pois o pudico amôr que desta vez me encanta,
Desta vez para sempre ! escolheu para amar
A virgem de candura, a creatura sancta,
O tenro coração que acaba de acordar,
A alma que se ha de enchersem fazê-la ter medo,
Que se ha de commover e sem a perturbar !

S. Paulo, 1873.

A MINHA LUZ

(AO PRIMOROSO POETA DAS «MINIATURAS»)

A luz que eu mais adoro, a que illumina
Meu peito apaixonado e ancioso,
Não é a tua luz, sol glorioso,
Que alegre e doira o monte e a campina.

Do astro melancholico e saudoso
Não é a branda luz alabastrina,
Em cujas ondas calmas,— branca ondina,
Banha-se a alma do poeta em goso.

A luz que me consola no degedo,
A luz que me alumia na procella,
A luz que adoro em timido segredo,

É uma luz que eu vejo da janella,
Coadada pelas ramas do arvoredro.
É a luz frouxa do aposento d'*ella*.

S. Paulo, 1873.

A D. D.

(Elegia de Miçkiewicz)

Oh ! si um só dia... um dia inteiro é muito...
Si uma hora só, pudesses tu viver
Dentro em minh'alma !... Então é que verias,
Creatura feliz, o que é soffrer !

O pensamento perturbado trago ;
Tempestuosos tenho os sentimentos ;
Morde-me a raiva o coração, nos olhos
Põe-me olhares sombrios, por momentos ;

E, por momentos, intima saudade
Engolfa-me n'um mórbido scismar,
Ou do remorso as lagrymas ardentes
Vêm-me os languidos olhos arrasar !

E tu... extremos do insensato evitas,
E do importuno o lamentar constante !
Não me conheces ! da paixão, é certo,
Crestou-me o fogo o viço do semblante ;

Mas olha-me bem n'alma. Ahi thesouros
Verás de amôr e de bondade, e mais
A phantasia, com que a sorte ingrata
Abranda-se dos miseros mortaes.

Hoje não podes enxergá-los... Quando
Ruge no oceano a tempestade, e ardentes
Raios o abrasam, quem avista as conchas
Nacaradas e as pérolas luzentes?

Antes de me julgares, olha, deixa
Que volte o claro sol e ao céu a côr
Cerulea da bonança. Mas que, ao menos,
Bem certo esteja eu de teu amôr ;

Que de tua inconstancia maltractado
Não mais o coração venha a dôer-me !...
Já tão medroso está !... Feliz eu seja
Um só momento, e has de conhecer-me !

Como um genio captivo dos encantos
De poderosa magica, assim eu
Viverei p'ra cumprir os teus desejos,
P'ra adivinhar o pensamento teu.

Si, de orgulhoso, alguma vez o escravo
Tiver caprichos de senhor e altivo,
Tu sorrirás, e has de vêr que logo
Torna o senhor a se humilhar captivo.

E o que te havia de mandar ? Que um pouco
Retardasses a hora de partir...

Que o penteado ao gosto seu trouxesses...

Que a occupação deixasses para ouvir

Novas canções e juramentos velhos...

E bem podias l'ho fazer, querida,

Com um quarto d'hora de paciencia ou tédio

E alguns instantes de attenção fingida.

Quando eu julgar que escutas os meus versos,

Tu poderás dormir ; e si outro fôr

O sentimento que nos olhos mostres,

Eu n'elles, crente, só verei amôr.

Dona do meu futuro, has de guardar-me

A razão e a vontade no teu seio.

E do passado esquecerei saudades,

Para que nada em mim te seja alheio.

Então este selvatico delirio

Que até agora se apossou de mim,

Cahirá de minh'alma : de uma barca

Sossobra um malfeitor e cahe assim,

Um malfeitor que com a sinistra fronte

Subleva as vagas e a procella envida.

Placidamente vogaremos ambos

Por sobre o manso lago azul da vida.

E si ainda a sorte má de nós em torno
Bravas tormentas despenhar alli,
Eu me elevando acima dellas calmo,
Aéreo cysné, cantarei p'ra ti !

1873.



PELO RIO

(A FERREIRA DE MENEZES)

Eh ! vogue, ma nacelle !

BÉRANGER.

Eramos dois na canôa,
Sómente os dois. Eu remava,
Ella a cabeça apoiava
Ao hombro meu.
Roçando pelas barrancas
Iam névoas menos brancas
Que o collo seu.

Bella manhã que essa estava,
Gorgeiada, luminosa !
Quando a luz o mundo gósa,
Que bello — amar !
Alli — a onda azulada...
Perto — a terra embalsamada...
Tranquillo o ar...

Claro verão confortado,
Alegre estação bemdicta !
Como a terra está bonita !...
 Que luz ! que amôr !
Meu Deus ! que ventura immensa
Cae do céu em recompensa
 Da humana dôr !

« Pallida moça formosa,
O céu é estar a teu lado !
Dá-me esse beijo rogado,
 Agora, emfim !
E assim corra tua vida
Como esta agua adormecida,
 Assim... assim...»

Disse-lhe eu, e no hombro
Senti trémula a cabeça
Dessa creança. A travessa
 Corou. Depois...
O lenho vogava átôa...
E eramos dois na canôa,
 Sómente os dois !

1873.



AVE, DEA, MORITURUS TE SALUTAT

(UNICO SONETO DE VICTOR HUGO, A UMA FILHA DE T. GAUTIER)

Belleza e morte são duas cousas profundas
Que contêm tanto azul e tanta sombra, quaes
Fôram duas irmãs, terriveis e fecundas,
Encerrando um enigma e um segredo eguaes.

Morenas, loiras, ai ! bellas visões jucundas,
Vivei, eu morro ! Amae, brilhae cada vez mais,
Oh perolas que andaes do mar nas ondas fundas,
Oh passaros de luz que em negra selva estaes !

Judith, nosso destino é bem mais semelhante
Do que se pensa ao vêr o vosso e o meu semblante:
Todo o divino abysmo em vosso olhar está,

E eu — sinto em minh'alma o abysmo estrellado ;
Perto do céu, senhora, hemos ambos chegado,
Porisso que sois bella e eu sou velho já.

1872.



NA MATTA VIRGEM

Estou na matta virgem ; amo a caça ;
Amo o beijo dos ventos perfumosos,
Nas florestas, abysmos de verdura,
Com os seus longos silencios religiosos.

Aqui o homem sente-se, orgulhoso,
Filho da natureza, mãe perfeita,
Mãe que o gera, alimenta, educa, enterra...
Mãe sublime que os filhos não enjeita.

Aqui estou entre os meus ; as velhas arvores
Me abençoam, com lagrymas de orvalho ;
Os ventos da manhã beijam-me a face,
E tenho saudações de cada galho.

E o pensamento, passarinho alegre,
Estende as azas, se espanja e vôa
E canta e folga na harmonia immensa
Da franca natureza honesta e bôa.

Eu, minha amada, eu não ambiciono
Mais thesouros ; que importa-me não tê-los ?
Quero as pérolas só do teu sorriso,
E quero o ouro só dos teus cabellos.

Basta-me o céu azul sobre a cabeça,
E o claro sol, o meu brilhante amigo,
E dentro de minh'alma a tua imagem,
Essa porção do céu que está comigo.

Amo a minha espingarda : creio nella,
Companheira fiel, ardente e linda.
Creio n'um Deus que nos protege e ama ;
E creio nos teus olhos mais ainda.

Que brilhos da cidade são mais bellos,
Que estas manhãs purissimas e claras ?
Que nectar é melhor que a agua bebida
Pela amphora selvagem das tacoaras ?

Aqui, no meio da floresta virgem,
Quando a distancião se interpõe tamanha
Entre nós dous, eu sinto-te a meu lado...
É que o teu pensamento me acompanha.

E si da morte na estação gelada
Resvalarem as minhas primaveras,
Hão de chorar-me as lagrymas sinceras
De teus olhos azues, oh minha amada !

Rio Bonito, 1874.



A LAMPADA

ANDRÉ CHÉNIER

(A AURELIANO DE CAMPOS)

Oh noite ! eu protestára amar essa traidora ;
Jurava-me um amôr eterno, a seductora,
E na jura commum cada qual te invocou.
Aos braços de outro amante a ingrata se entregou,
Promette amá-lo muito, e lh'o diz, e lh'o jura,
E invoca-te ainda, a ti mesma, a perjura !

Tu, lampada nocturna, astro amigo do amôr,
Até o amanhecer, posta no velador,
Dessa tua prisão de vidro alumiavas
O nosso terno enleio, e lhe testemunhavas
O doce prometter ; mas contigo, ai de mim !
Seu amôr se gastava, e apagou-se por fim ;
Toda a jura tambem dessa bocca adorada,
Como tu, em fumaça ei-la já dissipada.
P'ra nos alumiar, ao pé do leito seu
Quem te queria alli, oh lampada, era eu ;
E não te apagas tu ao vêr tamanho crime !

E prestas-te ao prazer de um rival que me opprime !
 Falsa como essa falsa, e tão sem fé assim,
 Para outro estás sendo o que foste p'ra mim,
 Mostrando a um outro olhar, que levas para ella,
 Que perfida que é, mas tambem como é bella !

—Oh poeta infeliz, não me accuses assim !
 Para t'a conservar, fiz o que estava em mim.
 Olhando a persegui, na hora do delicto,
 Emquanto não matou-me o seu cuidado afflicto :
 Hontem, tão fatigada ella mostrava estar
 Que apenas arrastava e a falla e o andar.
 Extincta já no espaço a lampada celeste,
 Accenderam-me a mim ; deitou-se, e lhe disseste
 Que de seu corpo enfermo a debil languidez
 Um somno longo e casto implorava talvez.
 Abraçaste-a, partiste, ao vê-la adormecida.
 Mal sahiste, essa porta alli falsa escondida
 Abriu-se : loira fronte appresentou-se, vi
 Pela primeira vez um outro amante aqui.
 Então ella a tremer com a falla e carinhosa
 Dizia-lhe : « Não, vá-se ; eu sou bem criminosa. »
 E os braços lhe estendia, ao lhe fallar assim.
 O moço caminhava, e chegou perto emfim.
 Vi unirem-se então as duas boccas perfidas.

.
 Dos flancos della vi o puro jaspe ardente,
 Lyrio, ébano, coral, um sangue azul e quente,
 Tal qual tu m'a mostraste outr'ora tanta vez,

Mais formosa e gentil só com a sua nudez,
Quando, em noites febris, o travesseiro a via
Entre beijos dormir e acordar, e a alegria
Gritos teus arrancava ao vêres-me luzir
Complacente, e ella então maldizia-me, a rir.
Embalde ao deus do amôr, que te julguei propicio,
Pedi da voz que dá-me agora, o beneficio.
Queria lhe exprobrar teus prantos, á infiel,
Chamar-lhe ingrata e má, criminosa e cruel.
P'ra ao menos acordar-lhe em o seio impudente
O remorso, o terror, me agitei de repente,
E da torcida a arder em ruidoso estalar,
Fiz saltar chispas mil da chamma a crepitar.
Descorou e tremeu, e, para mim olhando,
Com voz desfallecida assim disse: « Pois quando,
Cedendo-te ao desejo, eu consinto em callar,
Ha de essa testemunha os perjurios contar ! »
Ia-se levantar ; nos braços a apertando,
« Oh ! não apagues, não ! » disse elle, a segurando.

Eu já cessei de arder : faze o mesmo tambem.
Ella ama um outro, busca uma outra amante além.
Sopra esse amôr infame, eu t'o aconselho, amigo,
Como para apagar-me, o fez ella comigo.

S. Paulo, 1873.



CANTIGA PARA VIOLA

Menina dos olhos grandes,
Do coração pequenino,
Nas tranças do teu cabelo
Ficou preso o meu destino.

Ficou preso o meu destino
Nas tranças do teu cabelo.
Ai pobre do meu destino !
Aonde é que eu fui prendê-lo !

Aonde é que eu fui prendê-lo !
Ai pobre do meu destino !
Fiquei de todo perdido,
Ai que amôr ! que desatino !

Ai que amôr ! que desatino !
Fiquei de todo perdido !
Minh'alma vae arrastada
Na cauda do teu vestido.

Na cauda do teu vestido
Minh'alma vae arrastada.

Aonde levas minh'alma ?
Aonde vae a coitada ?

Tem pena da coitadinha,
Tem pena do meu destino,
Menina dos olhos grandes,
Do coração pequenino.

Rio Bonito, 1874.



O GONDOLEIRO

C. DELAVIGNE

(A GUILHERME MARTINS)

« Vamos, bello gondoleiro,
Até Rialto, diz ella :
Dou-te este collar que trago.
Tem cada pedra tão bella ! »
Mas recusa-lhe o rapaz :
« Pelo peor dos collares
Na minha gondola entrases !
Não, Gianneta ; o que me dás ? »

« Eu sei um doce *lamento* ;
Posso cantá-lo, diz ella,
Em caminho de Rialto ;
E a musica é tão bella ! »
Mas recusa-lhe o rapaz :
« Ora ! só por uns cantares
Na minha gondola entrases !
Não, Giannetta ; o que me dás ? »

Com o seu rosario nos dedos,
« Olha, quére-lo? diz ella :
O bispo benzeu-lhe as contas,
E tem uma cruz tão bella ! »
Mas resusa-lhe o rapaz :
« Por uns benzidos de altares
Na minha gondola entrares!
Não, Giannetta ; o que me dás? »

Canal em fóra, entretanto,
Vi-o remar juncto della,
E olhá-la entre sorrindo.
O que lhe daria a bella ?
Sahiu confusa. O rapaz,
Fiel á palavra dada,
Voltou á gondola, e nada,
E nada lhe pediu mais.

S. Paulo, 1873.



À MEIA VOZ

Aimez, car tout est là !

TH. GAUTIER.

Não, amar-te, não amo, creatura :
Para amar-te não basta um peito humano.
Ouve ! a musica cheia de doçura
Que soluçava ha pouco em teu piano,
Imita a adoração que, em culto ignoto,
Aos teus celéstes dons timido voto.

Assim tambem a voz de meus desejos
Aos teus ouvidos trémula esmorece.
Dos labios a soltei—bando de beijos,
Mas ao chegar a ti—era uma prece...
Oh ! dá-me ainda uma vez um doce engano
Nessa amorosa falla do piano.

As notas, ao nascerem de teus dedos,
Cah em-me n'alma com celeste afago,
Como alvôres de lua, entre arvoredos,

Na lisa face de dormido lago.
E quando a branda voz a medo alças,
É como aura a gemer por entre as balsas.

Minh'alma, ouvindo a musica tão grata,
Acima voga das sombrias máguas,
Como, ao chorado tom da serenata,
Batel azul a resvalar nas aguas.
Ao teu piano ainda... um só momento...
Adormece-me o triste desalento !

Oh ! tu nem sabes que ambição, que anceio
Ha nest'alma, coitada, que sómente
Occulta os éstos no profundo seio
E mostra a face plácida, dormente...
...Olha ! os pallidos louros da poesia,
Todos os déra pelo amôr de um dia !

S. Paulo, 1873.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE



MUSA CIVICA

**La République vient de Dieu !
Vive la République !**

PIERRE DUPONT.

À REPUBLICA

Oblação de um espirito profundamente convencido, e deslumbrado, dessa grande luz e dessa grande verdade.

A BANDEIRA APEDREJADA

AO CONGRESSO REPUBLICANO DE S. PAULO, NO DIA DE SUA
INSTALAÇÃO

In hoc signo vinces.

O République universelle,
Tu n'es encor que l' étincelle,
Demain tu seras le soleil !

VICTOR HUGO.

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança !
Estandarte que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança !

CASTRO ALVES.

Na cidade de Cesar, alta noite,
Como um propheta em meio de uma orgia,
Um phantastico vulto apparecia
A rutilar de esplendidos signaes.
Traz em lettras de luz palavras sanctas...
Das nações livres os pendões hasteia...
No meio delles fraternal ondeia
Auriverde pendão sem nada mais !

O novo Balthazar, que se embriaga
Na taça do poder que já transborda,
Vacilla, e manda a famulenta horda,
Que a mesa serve dos festins reaes,
Contra a visão que lhe perturba a orgia !
Ladra a matilha que o senhor açula...
E em cima, calmo como a idéa, ondula
Auriverde pendão sem nada mais !

Ei-lo no meio das bandeiras livres
O vulto immenso, o semi-deus dos *crentes* !
É Castelar, o apóstolo das gentes,
O tribuno dos grandes ideaes !
É o Moysés das gerações modernas,
Que leva o povo á *Promissão* dos povos !
Saúda-o, voz dos brasileiros novos,
Auriverde pendão sem nada mais !

Os novos phariseus lhe atiram pedras !
Apedreja-se o Christo desta idade !
O promettido este é da humanidade !
A nossa redempção este é que traz !
As suas sanctas leis são leis humanas !
Curve-se ás leis do povo a terra inteira !
Inscreve-as tu, bandeira brasileira,
Auriverde pendão sem nada mais !

Neste evangelho sagram-se os direitos !
Esta é a lei da terra, *que se move* !
Banha-se em plena luz de Oitenta e Nove

Nossa bandeira — a das nações eguaes !
Clame, esbraveje a soldadesca infrene...
É o estertor de um corpo moribundo !
Erga-se, á luz em que naufraga o mundo,
Auriverde pendão sem nada mais !

Essa bandeira apedrejada é o hymno
Da geração que ativa se levanta !
Nas verdes côres a esperança canta,
A côr doirada diz riqueza e paz !
Guerra aos bandidos que nos roubam tudo !
Quebrem-se os élos da servil cadeia !
Erga-se grande, a resplender da idéia,
Auriverde pendão sem nada mais !

S. Paulo, 1° de Julho de 1873.



AD MAJOREM DEI GLORIAM

VICTOR HUGO

(A AMÉRICO DE CAMPOS)

« Com effeito, o nosso seculo é admiravelmente delicado. Imagina elle, porventura, que esteja completamente extincta a cinza das fogueiras? que dellas não reste mais nem um tição que accenda ainda um archote? Insensatos! chamam-nos *jesuitas*, julgando que nos cobrem de opprobrio! Mas os *jesuitas* lhes reservam a excommunhão, uma mordança e fogo...E, um dia, hão de ser os senhores de seus senhores.

(O padre ROTHAN, *geral dos jesuitas*, na conferencia de Chiéri.)

Elles disseram : « Nós vencedores seremos.
Padres pela sotaina e pelo arдил soldados,
Direitos, leis, progresso havemos derrocar,
E com os destroços disso erguer um forte havemos,
E lá p'ra nos guardar, quaes cães de fila irados,
Dos preconceitos crús a grey desaçaimar.

« O cadafalso é bom; é necessaria a guerra ;
Povo, acceita a pobreza, a ignorancia acceita :
Para o inferno o tribuno em corpo e alma vae;

O homem que nada sabe é o anjo da terra.
Ha de a nossa legião, de força e astucia feita,
Embrutecer o filho, amordaçar o pae.

« Nossa palavra, hostile ao seculo que passa,
Às turbas choverá da tribuna sagrada ;
Os tibios corações, ella os regelará,
Matando o germen todo util e bom que nasça ;
Dissolver-se-ha depois como no chão a geadá,
E quem a procurar não mais a encontrará.

« Sómente... hãode ter frio as almas que escutavam
E não arderá mais nenhum dos fogos sanctos ;
E si aos homens de então alguém bradar-lhes mais:
— Salvae a liberdade : os vossos paes a amavam !
Hão de rir (que virão de nossos negros antros)
Da liberdade morta e de seus mortos paes.

« Padres, havemos ter uns motes muito sabios :
— Ordem, Religião, Familia, Propriedade :
E si, judeu, pagão, mouro ou bandido, alguém
Vier nos ajudar com o perjurio nos labios,
Archote e ferro em punho, ébrio de atrocidade,
A roubar e a matar, diremos : Está bem !

Vencedores, fataes, temidos, sem receio
Havemos de viver, fortes no inaccessivel.
Mithra, Christo, Mahomet bem pouco se nos dão !

Reinar é nosso fim,—desterrar, nosso meio.
E, si algum dia ouvir-se o nosso riso horrível,
As trevas da alma humana em sustos tremerão.

« Amarraremos a alma em profunda caverna.
É o fellah do Nilo, ou é da Hespanha o frade
O ideal da nação governada e servil.
Rasão, direito, abaixo ! a espada viva eterna !
Cadella sôlta é a idéa, e mais nada, em verdade.
Cadeia com Rousseau ! Voltaire p'ra o canil !

« Si o espirito lutar, nós o suffocaremos.
Aò ouvido á mulher fallar baixinho vamos.
Teremos os pontões, a Africa, o Spielberg.
A fogueira morreu ?—de novo a accenderemos ;
Não podendo atirar-lhe o homem, lhe atiramos
O livro ; em falta de Huss, queimamos Guttenberg.

« Quanto à rasão, que estende a Roma a audacia sua,
Chamma accessa por Deus no humano craneo, aquella
Que a Socrates luzia e guiava a Jesus,
Nós, bem como o ladrão que roja e se insinúa,
E começa, ao entrar, por apagar a vela,
Furtivos, por detraz, sopraremos a luz.

« Na alma humana então será noite fechada.
Sobre o aniquilamento é que o poder se apura,
O que nos parecer faremos sem rumor.
Nem um respiro, nem um bater d'azas, nada

Se agitará na sombra, e torre mais escura
Do que a noite ha de ser nosso forte em negror.

« Reinaremos. A turba é onda que obedece.
O mundo ha de curvar-se á nossa força estranha ;
Teremos o poder e a gloria no apogeu ;
Sem medo algum, pois fé nem lei nos entorpece. . »
— Quando habitasseis já das aguias a montanha,
De lá, disse o Senhor, vos arancára eu !

1872.



A COROA SUBMERGIDA

BALLADA DE UHLAND

(NO ALBUM DE A. MUNIZ DE SOUZA)

No alto da collina
Uma casinha ergue-se ;
Um panorama esplendido
D'alli se descortina ;
Livre trabalhador
Lá móra, que, ao crepusculo,
Afia a foice, e canticos
Entôa ao Creador.

Embaixo, ha um sombrio
Pantano ; alli submerge-se
Corôa em que já viram-se
Fulgor e poderio ;
Á noite, ha a brilhar
Saphyras e carbunculos ;
Alli está ella a seculos,
Ninguem a vem buscar !



AS MONTANHAS

FRAGMENTOS

(A CANDIDO DE MENDONÇA)

Quando ao magico verbo o nada fez-se mundo,
E o oceano bramiu, e o sol brilhou fecundo,
Deus fallou á montanha : « Em ti sempre achará
« A sancta Liberdade um refugio e um abrigo.»
Veio o homem e o vicio e as aguas do castigo,
E os eleitos de Deus pararam no Ararat !

Vem aos hebreus Moysés, biblico Xenophonte
Do povo peregrino. Ei-lo que sóbe a um monte,
— O Sinai — p'ra trazer as leis á multidão.
Erram pelo deserto... alenta-os a esperança...
E Moysés p'ra morrer ainda um monte alcança
—O Nebo, d'onde—ao longe—avista a Promissão !

Quando ao povo de Deus, passado, já proscripto,
Dos Persas a Alexandre, e de Alexandre ao Egypto,
Querem roubar ainda as crenças dos avós,

Insurgem-se os fiéis á voz de Matathias,
E têm os Machabeus nas broncas serranias
A porfiada lucta— e a liberdade apóz !

Volvei o olhar agora a essa Grecia antiga,
Cujo nome immortal ainda não ha quem diga
Sem pasmo, e vêde alli o que as montanhas são !
— Luctam por ter Messenia os féros espartanos,
E o monte Ira defende, em sitio d'onze annos,
Os messenios heróes, que morrem á traição !

Galeras mais e mais arroja a Persia aos mares,
E vão de um monte ao pé quebrar-se aos centenaes!
Vae com Xerxes um mundo, e pára, enão vae mais!
Quem os detém? Sómente uns montes e uns soldados.
Mas não, persas, passae ! passae—que são tombados
Os trahidos heróes, os gregos immortaes !

Grecia ! Grecia ! ai de ti ! descendo vêm do norte
As armas de Philippe... Elle não traz a morte,
Traz a tua vergonha e traz os teus grilhões !
Mas ainda tens heróes, ainda tens montanhas,
Aonde vás salvar as tradições tamanhas,
Aonde vão luctar teus ultimos leões !

E luctaram ainda, e muito !— a hora extrema
Da Grecia foi ainda homerico poema !
Que seu ultimo olhar ainda illuminou
Sobre tanta ruina um vulto sobranceiro

—Philopœmen—o achaico— o grego derradeiro !
 No sudario da Patria a Gloria o amortalhou !

.
 Era na velha Roma. A realeza ousada
 Morrêra com Lucrecia, a heroica deshonrada !
 Mudâra-se sómente o nome do senhor :
 Já não era mais Tullio—o escravo enthronisado ;
 Não era mais Tarquinio ;—agora era o senado.
 Si não havia o rei, havia o dictador.

Da longa escravidão está cançada a plebe.
 Ella que tudo paga e que nada recebe,
 Ella que seu suor gotta por gotta o dá
 Aos patricios ladrões, abandona a cidade,
 Vae para o Monte-Sacro... eis, surge a liberdade !
 Quando d'alli voltou, tinha tribunos já !

.
 Montes ! que lenda a vossa ! Á deusa foragida,
 Á Liberdade, sois baluarte e guarida !
 Ergueram-vos de Deus as invisiveis mãos !
 Oh ! o monte Calvario !... ajoelha-se áquelle !
 —Berço da eterna luz !— tribuna d'onde Elle
 Os homens proclamou— livres, eguaes, irmãos !

.
 'Stamos na média idade. O musulmano ardente
 Deixa as tendas da patria, os sonhos do Oriente...
 A ambição o impelle, o enthusiasmo, a fé !

Sonha já do outro mundo as plagas encantadas...
 « Está o paraiso á sombra das espadas »,
 Allah lh'o prometteu por voz de Mahomet !

Desventurada Hespanha ! a guerra fratricida
 O seio gangrenou-lhe... e agora ei-la vendida
 Pela facção infame ao invasor audaz !
 Polue-se a donzella ; a igreja é profanada ;
 Vence o Korão a Biblia; o alfange vence a espada ;
 E a onda da invasão avança mais e mais !

Não! não succumbe a Cruz ao peso das injurias !
 Em torno de Pelagio, em meio das Asturias,
 Inda ha gôdos leaes !... e a patria vive lá !
 É lá o altar da Cruz ! E é lá dessas montanhas
 Que a aurora redemptora, oh terra das Hespanhas,
 Rubra de muito sangue, um dia surgirá !

.

Vêde a brava Suissa, os livres montanhezes !
 Que tigres no lutar !... Austriacos, francezes,
 Ella é pequena... e vós, vós tantos, recuaes ? !
 Venha Gessler sicario... inundem-na de Alfredo
 Os assassinos mil, que á lucta não têm medo
 Da livre patria agreste os filhos immortaes !

A tamanhos heróes sómente essas montanhas
 Foram digno theatro e são dignas peanhas !

As ondas da invasão foram-se alli quebrar !
Loucura, insensatez de corôadas fronte !
Quem vencerá um povo em meio dos seus montes ?
Quem domará na selva as sanhas do jaguar ?

.

Oh patria brasileira ! oh terra das montanhas !
Um embryão immenso agita-te as entranhas...
Tu sentes do futuro a grande gestação !...
Nossas almas viris—aguias das cordilheiras—
Remontam para o sol ! Entre as livres bandeiras
Havemos de plantar teu grande pavilhão !

S. Paulo, 1871.



A CANÇÃO DO MOÇO MONTANHEZ

IRLAND

(A CAMPOS CARVALHO)

Sou o moço pastor da montanha ;
Os castellos do valle domino ;
Dá-me o sol sua luz desde a aurora,
E comigo é que mais se demora ;
Sou o moço pastor da montanha !

Da torrente este é o berço materno,
Bebo-a fresca ao jorrar do rochedo ;
Ella brame a saltar pelas brenhas,
E eu recebo-a nos braços sem medo ;
Sou o moço pastor da montanha.

A montanha é o meu livre dominio,
Pelos lados a cercam procellas ;
Quando rugem do sul e do norte,
Canto um canto mais alto do que ellas ;
Sou o moço pastor da montanha !

Tenho aos pés o trovão e o raio,
Pois que móro no céu azulado ;

Eu conheço-os de perto e lhes brado :
Respeitae de meu pae os penates !
Sou o moço pastor da montanha !

E no dia em que der-se o rebate,
E eu vir fogos nos montes brilhando,
Descerei e entrarei nas fileiras,
A brandir minha espada, e cantando :
Sou o moço pastor da montanha !

S. Paulo, 1873.



A PROTECÇÃO DOS REIS

(AO AMIGO CARMO CINTRA)

Ai do poeta que se acolhe a um throno,
E que implora de um rei mão protectora !
Ai delle ! nesse putrido ambiente
Pende-lhe morta a fronte sonhadora.

Assim ao viajor da Africa adusta
Hospitaleiro abrigo lhe similha •
Uma arvore gigante ; e elle adormece
Morto á sombra lethal da mancenilha !

S. Paulo, 1873.



VOZES DO SÉCULO

(AO DR. J. M. VAZ PINTO COELHO)

Um dia, na sombra immensa
Do velho mundo pagão,
— Arrebol da luz eterna —
Brilha um fulgido clarão !
Depois... tragico e sereno
Morre o grande *visionario*...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

E o mundo inteiro estremece
Quando o pallido Jesus
No derradeiro gemido
Inclina a fronte na cruz !
E o *verbo incendiario*
Propagou-se ! — Liberdade !
Fraternidade ! Igualdade !—
É a revolução da luz !

E das serenas alturas
Onde Elle morreu, então

Desce uma caudal de graça,
Um luminoso Jordão...
Fi-lo, inunda a terra inteira,
Bom, sagrado, humanitario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

Então Themis, a Justiça,
A austera deusa sem dó,
A musa do estoicismo,
Viu que já não estava só...
A seu lado, luminosa,
Anjo bom da nova idade,
Erguêra-se a Caridade,
Que o christianismo gerou!

A arte, a bella impudica,
A núa grega, a visão
De Phidias e Praxiteles,
Velou as fórmãs... e então
Viu-se a idéa— casta e sancta.
— Sancto revolucionario!...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão!

E a poesia, a companheira
Do velho Homero sem luz,
A ébria amante de Horacio,
De olhar langue e seios nús,
Córa, — nova Magdalena...

Pede alguém que o céu lhe ensine...
Chama-se hoje Lamartine,
Casta fronte, olhos azues...

Na alma da humanidade
Entra um divino clarão...
A mulher sente-se sancta,
O homem sente-se irmão.
A verdade, o bem, o bello
Brilham na alma-sanctuario !...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

... Oh ! mas eis que tudo muda
Um negro genio infernal !
Abysma-se o mundo em trevas,
Na noite agita-se o mal !
Nos corações morde o odio...
Amarga n'alma a vingança...
Ai ! só sente-se a esperança
Na mão que aperta o punhal !

Que horrenda tragedia é esta
Que em meio da escuridão
Invade o mundo, accendendo
As febres da indignação ? !
Ah ! destes demonios negros
Cada qual é teu vigario,
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

Elles — os sanctos obreiros —
São uns bandidos, meu Deus !
Cada padre é um Anti-Christo !
Elles é que são atheus !
Mais que Pedro —elles te negam
Mil vezes, filho do Eterno !
E o teu coração paterno
Ferem mais que os phariseus.

Tu enxotaste do templo
Os mercadores— em vão !
Olha como mercadeja
Pio Nono — o vendilhão !
S. Pedro — porteiro infame —
Abre o céu a preços fixos !
Ai Christo dos erucifixos !
Ai sancta religião !

Ai ! a Sancta Madre Egreja,
A esposa celestial,
Impõe as mãos ao carlista
— E' abençôa-lhe o punhal !
Assim, outr'ora á Vendéa,
Velha beata assassina,
Deitou-lhe a bençam divina,
E fez-lhe o sancto signal.

Assim cobrira de bençams
A Luiz Napoleão,

Rei covarde e assassino,
Rei traidor e rei ladrão !
Como já sagrara o *Grande*,
Tôrvo monstro sanguinario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

Assim,—divina creance !—
A filha de Nazareth,
A meiga esposa do Christo,
Creança cheia, como é,
De vontades, um bom dia,
Quiz um fogo d'artificio,
E accendeu-se o Sancto Officio...
Pois é tão simples, não é ?

Agora, na livre Hespanha,
Resuscitada nação,
Ei-los, os sanctos carlistas,
Bacamarte e cruz na mão !
Os bandidos arvoraram
Por bandeira o teu sudario,
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

Oh ! attende, Deus piedoso !
Rezam trémulos aqui
Os catholicos romanos,
Que ainda esperam de ti

Um *golpe de Providencia...*
Essas frentes inclinadas
Têm umas visões doiradas...
Sonham Saint-Barthélemy !

Sancto Deus de minha infancia !
Sagrada religião
Que minha mãe, de seus labios
Verteu-me no coração...
Oh ! eu vos guardo comigo
Cá no intimo sacrario...
Doce Jesus do Calvario,
Deus de amôr e de perdão !

S. Paulo, 15 de Outubro de 1874.

O HYMNO DA PLEBE

Ça ira! Ça ira!

(A LUIZ GAMA)

Eis-nos de frente, á luz do dia erguidos !
Eis-nos de pé no turbilhão da praça !
Trema o tyranno ! com o morrão ardente
Sua sentença a mão do Povo traça !
Eia, bandidos ! a vingança espera !
Escravos vís, que vos chamaes soldados,
Vireis bater nos baluartes vivos
Dos nossos peitos de plebeus honrados !

Ha muito vemos, em feroz silencio,
Rolar aos pés da Lei, tôrva homicida,
As altas fontes dos tribunos martyres !
E o cadafalso — em vez da estatua erguida !
E em vez da Gloria — decretada a infamia !
E em vez da patria e os lares seus amados
— O exilio... É muito ! Estão ardendo em brio
As nossas faces de plebeus honrados !

Ha muito tempo que estertóra em ancias
O nosso peito comprimido e forte,
E que sonhamos, no captivo somno,
Uns sonhos negros de vingança e morte !
Ha muito tempo em nossas almas francas
Toca a rebate a consciencia em brados !
Reage agora revoltado em fogo
O nosso sangue de plebeus honrados !

Quando um tyranno nos assanha os brios,
Pula-nos dentro um coração serpente !
Em féros botes nos devora o peito !...
Surge na praça a barricada ardente !
A chamma oppressa se levanta incendio !
Eis-nos erguidos ! com os grilhões quebrados,
Saltam na lucta com um furor de tigres
Os nossos braços de plebeus honrados !

Quando a cratera escancarada, horrenda,
Vomita lavas, que sublime cousa !
São como as lavas as paixões do povo,
E todo o throno n'um volcão repousa !
Os opprimidos se revoltam sempre !
É sempre a historia dos leões domados !
Eis-nos erguidos ! só a morte curva
As nossas frentes de plebeus honrados !

Nunca ! nem ella abaterá do Povo
(A historia inteira das nações que o diga !)

As livres fronte, que renascem novas
Como as cabeças dessa hydra antiga !
Morrer que importa? Com fervor votamos,
Grandes, com a gloria dos heróes tombados,
Da Liberdade nas sagradas aras
As nossas vidas de plebeus honrados !

S. Paulo, 1873.

FIM

H. Van der Grinten



3 9000 004 166 158

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**

DEMCO

